



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.981>

## O admirável neosujeito: doping como narrativa política e seus efeitos na saúde psíquica

*Brave newsubject: doping as a political narrative and its effects on psychic health*

Gustavo de Lima Pereira<sup>1</sup>

Daniel Ghilardi<sup>2</sup>

### Resumo

Esse artigo objetiva analisar as dinâmicas da racionalidade neoliberal e sua produção de neosujeitos, tendo a figura do doping como fio condutor e problematizado a partir de duas perspectivas: a própria estrutura de competição generalizada, que dopa as subjetividades em torno de um desejo de felicidade e autorrealização, bem como a cultura medicamentosa em si, que intensifica o uso de fármacos, tanto para o melhoramento de performances quanto para o alívio dos sentimentos de depressão e angústia existencial. Através de um paralelo com a literatura, articula-se o ambiente descrito pela narrativa distópica de Aldous Huxley, presente na Obra “Admirável mundo novo”, com a nova fábrica de subjetividades do mundo contemporâneo que, ao alinhar-se em grande medida aos ditames da racionalidade neoliberal, produz uma sociedade dopada e carente de narratividades.

**Palavras-chave:** Doping. Soma. Racionalidade neoliberal. Admirável neosujeito.

### Abstract

This article aims to analyze the dynamics of neoliberal rationality and its production of neosubjects, taking the figure of doping as the guiding thread and problematized from two perspectives: the structure of generalized competition itself, which doped subjectivities around a desire for happiness and self-realization, as well as the drug culture itself, which intensifies the use of drugs, both to improve performances and to alleviate feelings of depression and existential distress. Through a parallel with literature, we articulate Aldous Huxley's dystopian narrative in “Brave New World”

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014). Professor de Direito Internacional, Direitos Humanos e Filosofia do Direito na PUCRS.  
E-mail: gustavo.pereira@puccrs.br.

<sup>2</sup> Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Advogado.

with the new subjectivity factory of the contemporary world that, aligned with the dictates of neoliberal rationality, produces a doped society and without narrativities.

**Keywords:** Doping. Soma. Neoliberal rationality. Brave neosubject.

## Introdução

Este artigo visa problematizar alguns elementos relacionados àquele que identificamos como uma das principais articulações da tecnologia de poder na economia política hegemônica: a fabricação do sujeito neoliberal. O ponto que nos deteremos diz respeito a como a programação daquele que identificaremos como “neosujeito” guarda íntima relação com a ideia de “*doping*”, que será entendido aqui não apenas como um artifício medicamentoso usado para o melhoramento de performance, alívio ou anestésico frente as exigências da sociedade contemporânea, mas também como um catalizador sub-reptício que compõe, de forma intrínseca, a narrativa da racionalidade política neoliberal. As implicações e efeitos, portanto, dessa dupla concepção de doping na saúde psíquica dos neosujeitos são os gatilhos que guiarão essas linhas.

De antemão, cabe alertar, já em sede de introdução, que a estrutura que comporta a ideia de *neosujeito*, que aqui será desenvolvida, parte da concepção de que a sociedade global, dinamizada pela naturalização de relações baseadas em ditames economicistas, é composta por “empresários de si”<sup>3</sup>, conduzidos pelo significativo mestre da “concorrência”, conforme Michel Foucault, e sua multiplicidade (embora muitas vezes dissonante) de herdeiros, relacionam. Essa concepção desaguará, por sua vez, em uma sociedade “dopada de si”.

A racionalidade neoliberal se estrutura como uma técnica de governo que dinamiza as relações sociais contornadas por subjetividades que internalizaram a competição generalizada como modo de existência já assimilado. Nossa análise será circunscrita diante de um diálogo entre filosofia política e literatura a partir, fundamentalmente, da triangulação envolta pelas análises de Byung-Chul Han,

---

<sup>3</sup> Foi Michel Foucault, na obra “O nascimento da biopolítica” quem primeiro discorreu sobre a ideia de “empresário de si”, gatilho utilizado por inúmeros autores contemporâneos que intentam atualizar o seu pensamento do contexto neoliberal atual: “no neoliberalismo - e ele não esconde, ele proclama isso -, também vai-se encontrar uma teoria do *homo oeconomicus*, mas o *homo oeconomicus*, aqui, não é em absoluto um parceiro da troca. O *homo oeconomicus* é um empresário, é um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o *homo oeconomicus* parceiro da troca por um *homo oeconomicus* empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda”. (FOUCAULT, 1999, p. 310-311).

Pierre Dardot e Christian Laval (em suas constatações perfiladas em obras em conjunto) e Aldous Huxley. Esse último perfilando como fio condutor desse ensaio e servindo como espinha dorsal lúdica em nosso intento de sustentar que há uma transmutação entre as estruturas de poder que entrincheiravam o sujeito moderno e, agora, o neosujeito – o sujeito neoliberal – trazendo o alicerce da literatura como suporte investigativo de mesmo protagonismo, a partir da alusão ao panorama exposto na obra “Admirável Mundo Novo”.

O cenário proposto por Huxley, apesar de se tratar de uma obra publicada em 1932, mostra um modelo de sociedade, em grande medida, semelhante ao modelo contemporâneo, permitindo o paralelismo reflexivo aqui pretendido. A distopia descrita na literatura de Huxley, portanto, coaduna com a expectativa de toda análise estética distópica: guardar proximidade com a realidade.

Este artigo será dividido em quatro tópicos: 1) No primeiro momento, apresentaremos, em linhas gerais, o ambiente descrito no modelo de sociedade distópica desenvolvido na narrativa de Huxley aproximando-o da sociedade contemporânea e de como a racionalidade neoliberal fabrica aquele que chamaremos de neosujeito. 2) Em seguida, faremos um rápido delineamento histórico para demonstrar a transmutação da concepção liberal clássica para a racionalidade neoliberal, demonstrando alguns gatilhos que possibilitaram a instauração dessa *grande virada*, a qual de forma as próprias bases do liberalismo e age como efeito dopante perante as subjetividades guiadas pelo desejo de performance. 3) Após, no terceiro ponto, partiremos para uma compreensão do próprio sujeito neoliberal e do modelo empresarial de autogestão que o expõe a lógica da competição e o leva ao experimento de novas crises e *crashes* pessoais. 4) Para, enfim, no quarto tópico, adentrarmos na questão do doping como resposta aos fracassos pessoais e/ou o melhoramento frente a lógica de extrema competição e a cultura do desempenho.

### **Do sujeito moderno ao admirável neosujeito**

Neste primeiro tópico de escrita, nossa análise tentará interpretar os escombros da racionalidade neoliberal, demonstrando a sua proximidade com o cenário distópico apresentado por Huxley, com o cotidiano contemporâneo investido sobre a administração e governança dos corpos dos neosujeitos.

Aldous Huxley, na obra referida, alude que o controle mais eficiente sobre uma população não é exercido estritamente pelos instrumentos de poder vinculados aos eixos jurídico-estatais, e sim pela internalização de um próprio dever de obediência aos ditames “invisíveis” que compõem formas complexas e diversificadas de tecnologias de poder<sup>4</sup>. Para o autor,

não há, por certo, nenhuma razão para que os novos totalitarismos se assemelhem aos antigos. O governo pelos cassetetes e pelotões de fuzilamento, pela carestia artificial, pelas prisões e deportações em massa, não é simplesmente desumano (ninguém se importa muito com isso hoje em dia); é, de maneira demonstrável, ineficiente – e numa época de tecnologia avançada a ineficiência é o pecado contra o Espírito Santo. Um estado totalitário verdadeiramente eficiente seria aquele em que o executivo todo-poderoso de chefes políticos e seu exército de administradores controlassem uma população de escravos que não tivessem de ser coagidos porque amariam sua servidão (HUXLEY, p. XV).

Aqui podemos retomar a análise notar a confluência com a distopia pensada por Huxley, no que diz respeito a ideia de liberdade concebida na sociedade de “Admirável Mundo Novo” com o mundo contemporâneo. A obra retrata um sujeito que já não nasce mais do parto da mãe e tampouco é criado no seio familiar. Sua formação se dá através da hipnopedia - estímulos programados e repetidos por áudios e mecanismos intrincados de controle desde os mais tenros anos de vida. Aquele que, de algum modo, escapa das diretrizes estipuladas é criticado como “selvagem”. Percebe-se uma crítica do autor a desimbolização do mundo, onde só seja possível uma liberdade que não ameace a “estabilidade” social. Ou seja, a liberdade programada por uma “gestão de mentes” capaz de incutir nos sujeitos a delimitação da própria ideia de liberdade, que por eles é assimilada.

Ao longo de seu desenvolvimento, os indivíduos da distopia Huxleyana passam por treinamentos para condicionar seu pensamento ao crivo da felicidade que é contraposta a todo instante aos sujeitos tidos como selvagens na trama. Os cidadãos de Admirável Mundo Novo se organizam de acordo com suas castas, recebendo informações diariamente a respeito de como deveriam conduzir-se. Mas

---

<sup>4</sup> Essa constatação não intenta diagnosticar que as estruturas do chamado “poder soberano” tenham deixado de interagir sob a órbita dos corpos, mas sim que o poder deve ser concebido, a partir de Foucault, como um ente sem “substância” ou centralidade hegemônica concentrada e estável. Ou seja, significa ter em conta que o poder atua por meio de dinâmicas fluídas que, de forma emaranhada, estruturam a sociedade em coabitação com o poder estatal/jurídico e para bem além deles, sempre oferecendo também espécies de resistência. A obra foucaultiana em que entendemos mais restar clara e inaugurar essa nova forma de compreender a analítica do poder para bem além da órbita jurídica/ soberana é “A história da sexualidade. Volume 1 – Vontade de saber” (2008).

todos, quase que sem exceção, devem estar e sentir-se felizes.

A prática de hipnopedia, atua com o mesmo pressuposto cabal em relação ao da distopia, sendo que, por trás dos comportamentos, existem estruturas internas de conceitos e emoções que acabam impactando diretamente nas decisões e na atuação das pessoas e, que, por tanto, a partir dessas técnicas, se torna possível reprogramar a estrutura particular interna com foco em resultados.

Quando os sujeitos se encontraram em meio a angústias e traumas, como na situação em que uma das personagens, Lenina, visita o local dos selvagens, a alternativa quase que miraculosa para resolver seus problemas é apenas um reajuste na dosagem do *soma*, uma espécie de medicamento capaz de neutralizar qualquer efeito patológico de espécie neuronal. Deixando os personagens em estado de êxtase em frente a qualquer adversidade.

É precisamente esse mecanismo, que faz o reajuste do conjunto da obra, quando nenhuma técnica de controle consegue mais surtir efeito e inserir o sujeito dentro do imperativo felicidade e da lógica de produção. Nesse panorama, onde a realidade flerta de maneira muito próxima com a literatura, torna-se cada vez mais complicado acertar o diagnóstico, seja ele clínico ou político. Fugir de todas essas armadilhas que visam conduzir os sujeitos a um autocontrole, uma forma de doping coletivo, seja ele através de técnicas muito semelhantes a hipnopedia encontrada no universo distópico de Huxley e(ou) de drogas produzidas em laboratório, também muito semelhante ao *soma*, outra ferramenta de controle encontrada em Admirável Mundo Novo. É nesse momento que se lança mão aos fármacos, é quando os sujeitos empresários de si enfrentam o crash pessoal, tal qual uma empresa, é que se torna necessário a intervenção medicamentosa.

O Doping certamente é uma das técnicas que Huxley pode visualizar que operaria como uma ferramenta de controle com dupla funcionalidade, não existe exatamente uma droga miraculosa capaz de colocar todos em estado de relaxamento, euforia e alienação como faz o *soma* em Admirável Mundo Novo, mas existem precisamente inúmeras alternativas que se concentram em alcançar tal objetivo. Seu caráter quase sacro na distopia também é algo precisamente notável em suas observações a respeito dos possíveis impactos das políticas liberais no futuro. Em Admirável Mundo novo é notável e claro a idolatria que se perfaz em torno do medicamento *soma*.

Não há espaços para questionamentos a respeito da eficiência ou seus malefícios na obra, apenas o nível de sua adoração: “O amor é como soma”. Não se questiona mais sua origem nem sua eficácia, assim como, não há quase espaços, tanto na sociedade de Huxley quanto na atual, para o debate realmente crítico a respeito das intervenções farmacológicas, tidas muitas vezes como uma alternativa considerada<sup>5</sup>. Os sujeitos, muitas vezes, se encontram reféns de uma decisão médico-centrada que se acredita ser a melhor opção, levando ao que Huxley já havia previsto como uma adoração aos mecanismos de controle, mesmo que a decisão por tomá-los soe “livre”.

Certamente, essa é uma das principais questões da sociedade em Admirável Mundo Novo, o uso de uma pílula chamado *soma*, que age restringindo a angústia, a ansiedade, o estresse e outros sentimentos tido como inconvenientes e pertencentes a um estado de negatividade relativo aos regimes proibitivos, antagônico ao regime baseado na felicidade e eficiência, deixando-os assim, em pleno estado de relaxamento e alegria. Podemos compreender que a resistência a tristeza, medo, repulsa e angústia, elementos que fazem parte da existência, leva o sujeito contemporâneo a um estágio de infantilização, além de sua *falência de narratividade*.

O *boom* da indústria farmacêutica e da psiquiatria envolve estudos que identificam o aumento do uso de psicotrópicos em sujeitos que não apresentam, em linhas gerais, os sintomas e debilidades que os justificariam. Isso nos leva a diagnosticar que atualmente a sociedade se encontra incapaz de lidar com as frustrações, e que, conseqüentemente, aquilo que se contrário ao impositivo da felicidade e da autorrealização, se torna passível de ser medicamentado, muito embora seja, de fato, visível a ampliação do número global de depressivos.

A subjetividade neoliberal vem produzindo gerações de indivíduos depressivos e esgotados de perspectivas. Desta forma, o culto ao desempenho empresarial vai alargando a depressão como sintoma social. Quem não se adapta

---

<sup>5</sup> É preciso deixar claro que a alternativa ao uso de fármacos demarca também a desigualdade social intensificada no mundo contemporâneo. Muito embora seja uma investida cada vez mais naturalizada, não são todas as pessoas que têm acesso aos medicamentos de melhoria de performance e/ou alívio das angústias, situação que demarca ainda mais a distância entre as classes mais abastadas e aquelas onde o consumo de tais drogas se mostra viável por ainda, bem ou mal, caberem no orçamento. Ou seja, essas pessoas sem acesso aos recursos medicamentosos são reféns somente da primeira dimensão de doping aqui problematizada. Estão dopadas pela narrativa neoliberalizante, porém sem usufruírem dos recursos farmacológicos que lhes confeririam algum pé de “igualdade” para lidar com o cenário competitivo e despedaçador de almas do qual convivem.

bem a essas mudanças neoliberais, tem a sensação de estar à “margem da experiência”, do ritmo social. O depressivo é àquele que “resiste com sua lentidão, seu mergulho angustiado e angustiante em um tempo estagnado, que lhe parece não passar” (KEHL, 2009, p. 171).

A universalização da experiência neoliberal, neste sentido, inviabiliza o diálogo sobre a experiência corpórea e sensorial sobre o desgaste provocado por essa dinâmica. E a experiência de sofrimento constante faz aumentar as chances de infartos psíquicos, da depressão e da morte subjetiva de todos os sentidos positivos da vida. (CHUL HAN, 2015, p.14).

A razão neoliberal nos leva, portanto, a uma sociedade dopada. O doping em busca de alívio e/ou o doping em busca de performance. Mas antes de concentrarmos nossos esforços para analisarmos de forma mais detida como essa racionalidade dopante recaiu sobre os ombros da sociedade contemporânea, fazendo alusão ao recurso analítico da literatura aqui pretendido, é preciso, ainda que de forma breve, articularmos como a racionalidade neoliberal trilhou seu caminho até alcançar a o espaço hegemônico sobre seus corpos e mentes.

## **Do sujeito moderno ao admirável neosujeito**

*Não há poder que não crie uma ‘vida psíquica’ através das marcas que deixam nos corpos (SAFATLE, 2015, p. 194).*

O ponto primordial desse ensaio, conforme disposto em sede introdutória, situa-se nas implicações de como a racionalidade neoliberal inscreve-se na psique desse neosujeito, através de outras tecnologias de poder que resvalam ao mero escopo coercitivo de outrora (manicômios, cadeias, fábricas e escolas etc.). Dardot e Laval nos fornecem o ponto de partida que entendemos profícuo para a estruturação de nossa investigação, no que diz respeito a ideia de tentar estabelecer uma certa genealogia na construção desse novo sujeito, diferenciando-o do sujeito moderno.

O sujeito moderno, esculpido pelo liberalismo clássico da modernidade, por muito tempo, “pertenceu a regimes normativos e registros políticos que eram ao mesmo tempo heterogêneos e conflituosos: a esfera consuetudinária e religiosa das sociedades antigas, a esfera da soberania política, a esfera da troca mercantil” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 322.) Nesse sentido, é possível identificarmos que, de

algum modo, o sujeito moderno tratava-se de um sujeito plural. Ele habitava, ao menos, três espaços diferentes: o dos serviços e das crenças de uma sociedade ainda ruralizada e cristianizada; o dos estados-nações e da comunidade política; e o do mercado monetário do trabalho e da produção. Esses espaços, é claro, articulados nunca de forma estável, foram incitadas e tencionadas por dois processos colaterais e também de alguma forma apartados: o capitalismo e o estado democrático de direito.

Porém, “os efeitos subjetivos das novas relações sociais na esfera mercantil e das novas relações políticas no espaço da soberania” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 323), conduzidos pelas mudanças progressivas da ordem econômica, deram lugar a duas novas formas de sujeitos. O homem moderno fragmentou-se em dois: O cidadão, dotado de direitos inalienáveis, e o homem econômico guiado por seus interesses. O homem como “fim” e o homem como “instrumento”. De acordo com os autores: “a história dessa “modernidade” consagrou um desequilíbrio a favor do segundo polo”, esfera esta que traz consigo a lógica de relações humanas submetidas à regra da maximização do lucro (DARDOT; LAVAL, 2016).

O modelo político dinamizado pelo liberalismo contratualista foi tomando forma a partir da expansão da mercantilização, passando a difundir uma individualidade liberal onde os sujeitos se autoconhecessem como “proprietários de si mesmos”. Esse sujeito lockiano-iluminista, em tese, acreditava que dispunha de todas as faculdades naturais, do livre exercício de sua razão e vontade, podendo proclamar ao mundo sua autonomia irreduzível. Logo, os contratos tidos como voluntários entre pessoas “livres” intentaram substituir as formas anteriores de organização da sociedade, até então dominadas por alianças soberano-clericais-hereditárias vinculadas a um cálculo recíproco de poder. Com a mudança da sociedade feudal para a chamada sociedade burguesa, a figura do contrato-social e da cidadania tornam-se, em linhas gerais, as bases de medida das relações humanas:

[...] de modo que o indivíduo passou a experimentar cada vez mais na relação com o outro sua plena e total liberdade de compromisso voluntário e a perceber a “sociedade” como um conjunto de relações de associação entre pessoas dotadas de direitos sagrados (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 324.)

Longe de ter sido uma corrente unificadora e apesar de sua origem utilitarista, o modelo liberal clássico conseguiu oferecer algumas ferramentas para

abarcam as demandas sociais que surgiram diante das contradições ofertadas pelo desenvolvimento do capitalismo (DARDOT; LAVAL, 2016, p.326).

Isto é, a ordem da eficácia econômica se torna limitada e impregnada por manifestações sociais heterogêneas a ela. O ápice desta estrutura se deu no Estado de Bem-Estar Social que foi empreendido através da política keynesiana implementadas por Roosevelt e diversos países europeus, em resposta a Grande Depressão dos anos 30, algo que perdurou, em linhas gerais, até o final dos anos 70.

É inegável que a virada dos anos 1970-1980 tenha mobilizado objetivos para se alcançar a estratégia neoliberal, a começar pela modificação na estrutura do Estado social, desmantelando-o através da política de privatizações das empresas públicas, entre outras iniciativas (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 190).

Porém, mesmo antes da chamada crise do modelo de bem-estar social, já começaram os desenhos de proposição para uma reformulação do liberalismo. O nascimento teórico da proposta neoliberal pode ser identificado pela reorientação da “razão governamental” para as sociedades nos debates ocorridos durante o Colóquio Walter Lippmann, ocorrido em 26 de agosto de 1938 (FOUCAULT, 2008, p. 225 ss), tornando-se consagrada, posteriormente, como a nova sentinela política dos interesses econômicos no governo na direção da administração do Estado, a partir, especialmente, das articulações propostas por Hayek, Friedman e Mises, para controlar os efeitos do “excesso de democracia” no mundo ocidental (BROWN, 2019, p. 74-79).

Como reação à crise mundial dos anos 70, o novo cânone começa a tomar forma através de dispositivos e técnicas, primordialmente econômicas, que alteraram de forma sensível as diretrizes do jogo perante os diferentes capitalismo nacionais, as distintas classes sociais e o próprio núcleo da democracia liberal. A racionalidade neoliberal passa a ganhar contornos práticos. As plataformas políticas instituídas por Reagan, nos Estados Unidos, Thatcher, na Inglaterra e com destaque para a implementação pioneira de Pinochet, no Chile - personagens centrais do período que caracteriza a chamada “Grande Virada” - surgem como propostas de solução perante uma situação “impossível de gerir”, tendo em vista a queda nas margens de lucros, o desemprego e a estagflação. Assim sendo, atribuíram os entraves a uma má gerência econômica decorrente do pacto social-democrata wefarista que, de algum modo, tentava estabelecer um meio de campo

entre os lucros de produtividade, preço e remuneração. Dentre as medidas mais marcantes desse novo modelo de governança que passa a interagir diante das democracias, intensificadas de forma galopante no século XXII, destacamos as privatizações das empresas públicas, bem como a desregulamentação da economia, dando liberdade de atuação indefinidamente para os setores privados. Instaurou-se, assim, a concorrência como norma geral de governo, de pretensão global.

As técnicas de gestão empresarial, assim, intensificam-se ao longo da década de 90 e início dos anos dois mil. Com essa mudança de paradigma, o próprio modelo de gestão pública é adaptado às características da economia globalizada, através de um modelo de governança “sem” governo, dirigido pelo privatismo e lógica empresarial (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 286).

Porém, o neoliberalismo não pode ser analisado meramente como uma nova proposta de atuação dos Estados articulado aos ditames de uma política de protagonismo econômico. O neoliberalismo é, na verdade, uma *racionalidade*, no sentido de que as entrâncias mais eficazes de sua operacionalidade transcendem a ordem das relações mercantis, em sentido concreto, passando a produzir novos afetos. Ele não deve ser visto como o herdeiro natural do liberalismo, assim como também não é seu extravio nem sua traição. É precisamente o desenvolvimento da lógica do mercado como lógica normativa geral, que parte do Estado ao íntimo da subjetividade humana (SAFATLE, 2015, p. 233).

### **A admirável subjetividade empresarial**

*No momento em que o Diretor de incubação e Condicionamento entrou na sala, trezentos Fecundadores, curvados sobre os seus instrumentos, estavam mergulhados naquele silêncio em que apenas se ousa respirar, naquele cantarolar ou assobiar inconsciente por que se traduz a mais profunda concentração. Uma turma de estudantes recém chegados, muito jovens, rosados e bisonhos, seguia com certo nervosismo, com uma humildade um tanto abjeta, as pisadas do Diretor. Todos traziam um caderno de notas, no qual, cava vez que o grande homem falava, rabiscavam desesperadamente. Eles bebiam ali seu saber na própria fonte. Era um privilégio raro. O D.I.C de Londres sempre fazia questão de conduzir pessoalmente seus novos alunos na visita aos vários serviços e dependências (HUXLEY, 2014, p. 1).*

O neoliberalismo, como técnica de produção de subjetividades e afetos, ganhou forma e se destacou por uma homogeneização da racionalidade humana em torno da figura da empresa. Com essa nova configuração de sujeito, opera-se uma unificação sem precedentes das formas plurais de subjetividade antes visualizáveis na democracia liberal.

A precarização do trabalho (intensificada a cada passo dado pela sofisticação da automação), o enfraquecimento dos sindicatos, bem como a batida em retirada da atuação do Estado em políticas sociais não foram acompanhadas por instâncias organizadas de confrontação que pudessem ser identificadas, de algum modo, como formas contundentes de resistências, por parte dos indivíduos em geral, à razão neoliberal. Ao contrário. A redução do poder de compra traz cada vez mais, para a maioria da população global, o estado de dependência frente aos seus empregadores, auxiliando a implementação do modelo de autogestão e responsabilização individual dos riscos. “Transferindo os riscos para os assalariados, produzindo o aumento da sensação de risco, as empresas puderam exigir deles disponibilidade e comprometimento muito maiores” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 329).

O neosujeito, portanto, deve se autocompreender e se portar como uma empresa, assimilando, em boa parcela dos aspectos de sua existência, as diretrizes do mercado, logo, pautado pela lógica da disputa. Em outras palavras, a racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita, ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos. A responsabilidade não é considerada uma faculdade adquirida de uma vez por todas, mas vista como resultado de uma interiorização de coerções (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 350).

Fracasso e sucesso passam a ser vistos exclusivamente como consequências naturais do bom ou mau gerenciamento dos recursos econômicos e das posições sociais ocupadas pelos sujeitos. São significantes que os distinguem: os riscófilos (os que teriam aptidão para arcar com riscos, potenciais empreendedores) e os riscófobos (os que teriam receio de arriscar, mais afeiçoados aos ofícios tradicionais), sendo, por óbvio, os primeiros aqueles mais adaptáveis e suscetíveis à lógica de intensificação do desempenho.

O arquétipo desse sujeito neoliberalizado, mais adaptado à competitividade, simboliza o efeito visado pelas novas práticas de fabricação e gestão desse novo sujeito de fazer com que o indivíduo trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si mesmo. Refém da obrigação permanente pela maximização de seus resultados, ele se expõe aos riscos e assume (inteiramente e internamente) a responsabilidade por potenciais fracassos. “Exceto as previstas nos contratos de

seguro privado facultativo. Ser empresa de si mesmo pressupõe viver inteiramente em risco” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 346).

A racionalidade neoliberal sugere que ideia de “sucesso” está ao alcance de todos aqueles que não descansam e detém metas claras sobre o seu futuro. O espaço projetado para cada um ocupar estaria condicionado ao esforço individual produzido por uma sociedade que promove a igualdade de condições através de uma liberdade compartilhada. Todos seriam igualmente livres para buscar a realização de seus sonhos. Já que a liberdade é o amuleto primordial da sociedade concorrencial, os prêmios passam a ser equivalentes aos méritos daqueles que não se permitirem cansar. Os sujeitos passam a exercer uma exigência sobre si, “o que exigirá, segunda a lógica do processo “autorrealizador”, que eles se adaptem subjetivamente às condições cada vez mais duras que eles mesmo produziram” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 325).

O neosujeito detém as características próprias de seu tempo, escravo de si mesmo e dos dispositivos de desempenho e gozo, bem como carente de narrativas estéticas que destoem e contra-assinem, em grande medida, o campo de caça esquadrinhado pela *empreendedocracia*. Seu dever incansável por inovação torna-o impreciso, flexível, precário, fluido e sem gravidade (DARDOT; LAVAL, 2016, p.321).

Apesar de ser refém dessas articulações impregnes pela razão neoliberal, das quais preenchem quase por completo o seu o modo de se relacionar com o mundo, o sujeito neoliberal se concebe como “livre”. A monetização das relações humanas, produzida pelo ímpeto da *razão neoliberal*, não impõe restrições à liberdade. Ao contrário. Vale-se dela (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 193).

A grande atualização produzida pela mecânica neoliberal se apresenta de forma mais estridente na maneira como ela se projeta sobre a liberdade individual na fabricação dos neosujeitos. As técnicas coercitivas não operam mais através da dinâmica da “negatividade”. As novas interfaces de poder se valem do imperativo da “positividade”, onde as ações do indivíduo são movidas por uma espécie de incentivo convidativo e agregador na busca dos prazeres que a ordem econômica neoliberal sugere ser capaz de conferir. A exploração deixa de ser um condicionante externo e volta-se contra si mesmo, tornando embaçada a antiga dicotomia marxista, que diferenciava exploradores de explorados (CHUL HAN, 2015, p. 46-47).

A nova versão do capitalismo, na atual era financeira, trata os sujeitos como gestores de si mesmos e traz a obrigação de assumir, de forma solitária, todos os riscos e encargos implicados por uma eventual má gestão. Propõe um sistema de autogoverno que escapa das bases puramente econômicas, em sua narrativa, investindo sobre a subjetividade humana através de jargões motivacionais e uma climatização festiva. Esse novo método de controle é mais eficaz do que o capitalismo liberal clássico, pois, se efetiva não pelo imperativo da restrição, mas sim através de uma ideia de positividade vaga (CHUL HAN, 2015, p. 25).

De acordo com CHUL HAN (2015, p. 24 - ss), as moléstias da alma desabrocham hoje por conta de um excesso de positividade que está presente em praticamente todos os espaços da sociedade contemporânea. Nesses discursos, imperam os slogans de ação produtiva e a visão de que todas as metas são atingíveis – “*Yes, we can*” e do slogan da Nike, “*just do it*”. Para o filósofo, esse excesso de positividade vigente nos dias de hoje finda na ideia de uma “sociedade do desempenho”. Este discurso de gerência ganha tal proporção que o neosujeito é tido como proprietário de capital humano, que precisa ser acumulado por meio de cálculos responsáveis entre custos e benefícios.

Diante desse novo modelo de se relacionar com a existência, em todas as suas nuances, é que surge a figura do *coaching*. O *coaching* seria o desenvolvedor de técnicas que potencializam os diferenciais dos sujeitos para a realização de seus sonhos, estabelecidos pelas metas que representam uma existência bem-sucedida. A realização nunca atingirá um ponto final, porque o neoliberalismo também atua como uma fábrica de produção de novos sonhos, onde a sensação de satisfação ou suficiência significam estagnação e a inércia, logo, a ameaça do fracasso. O neosujeito deve sempre inovar.

A efígie do *coaching* vale-se da repetição de mantras que remetem os sujeitos a uma espécie de hipnopedia, com a diferença de que nestas os sujeitos não se encontram necessariamente “desacordados”. O postulado fundamental é que o “desenvolvimento pessoal”, uma melhor comunicação no trabalho e o desempenho global da empresa estão intimamente ligados. A ampliação do potencial pessoal é vista como a principal habilidade para uma performance mais elaborada e eficiente diante dos clientes, logo, um lugar de destaque entre os demais colegas concorrentes.

Aqui voltamos ao exemplo da distopia huxleyana: quando o diretor conduz os novos alunos pelo “Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central” e lhes explica sobre o processo “Bokanovsky”, operando uma lógica da condução, o autor ressalta que é preciso que haja uma ideia de conjunto para poderem fazer seu trabalho inteligentemente – “mas uma ideia mais resumida possível, para que se tornassem membros úteis e felizes da sociedade”, e ainda acrescenta que as generalidades são males intelectualmente necessários (HUXLEY, 2014, p. 2). Lógica essa quando dirigida aos administradores de empresas, tem o condão de fortalecer o “potencial”, a “confiança em si mesmos” e a “autoestima” para melhor poder conduzir os outros sujeitos.

Como a fonte da eficácia não vem mais de alhures, de uma autoridade externa, ela se encontra no próprio indivíduo que necessita fazer um exercício chamado pelos autores de intrapsíquico “para procurar a motivação profunda”, não cabe mais aos chefes impor, na verdade até o substantivo por vezes cai em desuso, dando preferência para novas nomenclaturas, como; supervisor, gerente, mentor, que se adaptam melhor em diversas organizações pois trazem consigo a mesma lógica da condução, “de vigiar, fortalecer, apoiar a motivação” presente nos *Coachs* e programadores neurolinguísticos, não existe mais um intermediário entre empresa e funcionário, muito menos nenhum tipo de identidade coletiva. “Dessa forma, a coerção econômica e financeira transforma-se em autocoerção e autoculpabilização” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 345).

Tendo em vista que cada sujeito é inteiramente responsável por si e sua felicidade, teleguiada pelo mantra do pensamento positivo, a realização pessoal passa a ser uma ordem, onde, primeiramente, é necessário, para ser bem-sucedido, se conhecer e se amar.

Essas técnicas gerencias procuram obter do trabalhador uma resposta alinhada aos objetivos da empresa, diferentemente do que se clamava na tradição liberal, através do pensamento positivo, onde se elimina a potencialidade do pensamento crítico e se desloca a culpa pelo fracasso à uma concepção fantasiosa do eu empreendedor, do heroísmo pela autogestão bem-sucedida tornando-se o único responsável pelos êxitos ou fracassos (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 336-357). E que apesar da existência de “*training*”, “*coaching*” e outras figuras do meio corporativo inerentes ao funcionamento da neogestão para conduzir o sujeito na consulta de seus deveres e nas mais variadas escolhas que devem ser feitas ao longo

da vida, e que operam num sentido duplo, se por um lado auxilia na criação e modulação do sujeito, por outro, cria a ilusão (um efeito de doping) de que seguindo espartanamente os métodos prescritos através da positividade terá solidez para escapar aos riscos, se faz necessário a instituição de procedimentos “de auditoria, vigilância e avaliação”, esses procedimentos visam aumentar a exigência de controle sobre si mesmo e melhorar o desempenho individual para fabricar o homem responsável.

Como medida para afastar-se da possibilidade do fracasso e manter-se competitivo, ou para aliviar os sentimentos de vazio e vergonha quando ele deixa de ser uma potencialidade e passa a fazer parte da existência, muitas vezes o neosujeito passa a ver o uso de medicamentos como alternativa. É o que discutiremos no ponto a seguir.

### **A admirável indústria do doping**

*Beija-me, abraça-me com rudeza; Esgota-me até o coma; Conserva-me a ti presa; O amor é como soma (HUXLEY, 2014, p. 159).*

As dinâmicas da racionalidade neoliberal descritas acima, aplicadas por palavras duras, porém em voz de veludo, penetram o consciente coletivo e alteram a psique humana fazendo-a ter que lidar com diversificadas patologias inerentes a nova dimensão de sua existência, que ora está entregue a própria sorte - como empresário de si - e ora é chamada para incorporar um “time” cada vez mais produtivo, em um jogo pautado por oximoros (como “autonomia controlada” e “comprometimento coagido” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 66)).

Um de seus produtos é a coletivização do doping através de generalizações patológicas que viabilizam o acesso a diversas drogas, uma espécie de “soma”, em diferentes rótulos, que prometem controlar os anseios e produzir melhores resultados, reduzindo a ansiedade, o estresse e outros sentimentos negativos. Produz estágios momentâneos de relaxamento e alegria.<sup>6</sup>

“Soma”, certamente é o remédio mais vendido de todos os tempos. Hoje em dia ele encontra-se camuflado por inúmeros e criativos rótulos e traz diversificadas

---

<sup>6</sup> TAKE YOUR PILLS, primeira temporada. Criação Alison Klayman. Série original Netflix. [S. l.]: Motto Pictures e Netflix Studios, 2018. 87 min, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 16 nov. 2019.

respostas para uma grande variedade de enfermidades neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção como síndrome de hiperatividade (TDAH), transtornos de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de *Burnout*<sup>7</sup> (SB), que determinam a paisagem patológica do nosso século. Não são infecções, diz CHUL HAN (2015, p. 14), e sim enfartos provocados pelo excesso de positividade que tornam convidativas intervenções medicamentosas, quando as técnicas de gestão da psique dos neosujeitos, esmiuçadas no ponto anterior, não surtem mais tamanhos efeitos.

Quando o sujeito se depara com a iminência de seu crash pessoal, a alternativa do doping, através de suas mais variadas fórmulas, tende a bater mais forte a porta. É através de uma cultura medicamentosa que cada vez mais se inserem múltiplas formas de saberes e práticas médicas que participam da formação do modo de viver dos indivíduos. A subjetividade determina, entre outras coisas, o modo como se percebem as coisas, como o sujeito se relaciona com o mundo, como se percebe e analisa as situações em que seu corpo está inserido.

A sociedade disciplinar de outrora, segundo CHUL HAN (2015), só pode ser efetiva em uma sociedade repressiva que se baseia na negatividade. Em seu lugar, há tempos, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho, alinhada a ideia de positividade e transparência (CHUL HAN, 2017). Sendo assim, ela está cada vez mais desvinculada da negatividade das proibições, se caracterizando numa sociedade da liberdade.

Se a sociedade disciplinar se encontrava dominada pelo “não”, onde sua negatividade gerava loucos e delinquentes. Na sociedade da motivação, onde tudo é possível, são produzidos sujeitos depressivos e fracassados: “O que o torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho” (CHUL HAN, 2015, p. 27).

---

<sup>7</sup> “*Burnout*”, conceito intensamente problematizado pelo filósofo Byung-Chul Han, é originariamente tido como um conceito psicológico que descreve a sensação de cansaço e desinteresse crônicos, ocorrendo, em geral, no ambiente de trabalho. A síndrome de *burnout* foi desenvolvida no início dos anos 1970 pelos profissionais da área da saúde e é considerada como uma incapacidade para lidar com estresse emocional no ambiente de trabalho ou como um dispêndio excessivo de energia levando à sensação de exaustão de esgotamento.

HUXLEY mesmo situa o Admirável Mundo Novo a partir de uma messianização de Ford, onde, apesar de todo aparato dopante de realidade que visava a felicidade, o imperativo por trás dessa lógica era o desempenho que flertava de perto com a questão econômica de produção e consumo, como fica evidenciado por esta passagem do livro:

Bizarro - comentou o Diretor enquanto se afastavam é bizarro pensar que, mesmo no tempo de Nosso Ford, a maioria dos jogos não possuíam mais acessórios que uma ou duas bolas, com algumas varas e talvez um pedaço de rede. Vejam a estupidez que existe em permitir às pessoas a prática de complicados jogos que de nada servem para aumentar o consumo. É loucura. Atualmente, os Administradores só dão a sua aprovação a um novo jogo quando possa ser demonstrado que ele exige pelo menos tantos acessórios como o mais complicado dos existentes (HUXLEY, 2014, p. 75).

Sem poderem recorrer a ferramentas que atacam a raiz do problema, o número de fármacos que se lançam como alternativa se multiplica ao passo que aumentam também as tipologias patológicas referentes a psique. A indústria farmacêutica, maior e mais poderosa que a própria indústria da informação e tecnologia, incentiva, através de investimentos massivos em propagandas, o uso indiscriminado de substâncias *dopantes*, que atingem inúmeros consultórios e clínicas psiquiátricas – muitas vezes munidos de pesquisas e resultados duvidosos (FERREIRA, 2016) que, por sua vez, estimulam o aumento do número de farmácias, bem como a indústria de receituários.

Todos são expostos a dinâmica empresarial da positividade, até as próprias instituições que deveriam fugir a uma hiperatividade do ser são contaminadas pela lógica do ser hiperativo. Nos EUA encontramos uma grande gama dos mais variados remédios que se destinam a melhorar o desempenho dos alunos, esportistas e empresários, dentre eles se destacam dois nomes: Adderall<sup>8</sup> e Ritalina. Os dois mais comumente usados têm por base o mesmo princípio ativo - a anfetamina - e são populares em escolas e universidades por prometerem resultados que melhoram o

---

<sup>8</sup> Adderall XR (anfetamina / dextroanfetamina) é um remédio estimulante do grupo das anfetaminas, prescrito para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Seu uso não é aprovado pela Anvisa, e por isso não pode ser comercializado no Brasil. Uma pesquisa publicada em julho de 2020 pela JAPhA (Journal of the American Pharmacists Association), realizada por Benjamin Penley, demonstrou que todas as farmácias on-line nos Estados Unidos ou foi solicitada a compra não exigiram prescrição médica e nem mesmo impuseram limitações sobre a quantidade da venda, sendo muitas vezes oferecido descontos para facilitar a compra em grande quantidade. In: PENLEY, Benjamin. Characteristics of Online Pharmacies Selling Adderall (Amphetamine/Dextroamphetamine). Disponível em: [https://www.japha.org/article/S1544-3191\(20\)30347-2/pdf#articleInformation](https://www.japha.org/article/S1544-3191(20)30347-2/pdf#articleInformation), acesso em agosto de 2020.

desempenho escolar e ajudam a conciliar inúmeras atividades – trabalho, escolarização, vida social, cuidado pessoal e lazer. A propaganda massiva juntamente com a disponibilidade de fácil acesso que se dá através de consultórios médicos – que adotam por vezes uma política pouco criteriosa para receitar drogas, análise muitas vezes arbitrária que apenas levam em consideração os relatos do paciente ou de terceiros, como fica evidente nos documentários *Psiquiatria Industria de La Muerte*<sup>9</sup> e *Take your pills*<sup>10</sup>.

Adderall, Ritallina, Fluoxetina, Centralina, entre outros. O número dos nomes, que por vezes tem uma origem curiosa e eticamente desleal, se multiplicam com o passar do tempo, mas tendo por objetivo o mesmo fim, funcionar como uma forma de doping coletivo<sup>11</sup>, tal qual se destinava o *soma* no mundo distópico de Huxley. As pessoas não são verdadeiramente felizes em admirável mundo novo, a “felicidade” é resultado de uma receita que mistura drogas, aparatos tecnológicos e agentes condutores muito próximos dos quais nos deparamos atualmente frente a lógica da neogestão.

Podemos ver essa pretensão de doping através de uma pseudo felicidade quando relembramos os momentos em que Bernard e Lenina, na obra de Huxley, passam juntos aos selvagens sem terem lembrado de levarem consigo as doses diárias de *soma* e de como deviam lidar com a realidade frente a vida nua e crua. E posteriormente quando

Lenina, depois desse dia cheio de coisas estranha e de horrores, sentia-se com direito a um descanso completo e absoluto. Mal chegaram à hospedaria, tomou seis comprimidos de meia grama de *soma*, deitou-se na cama e ao cabo de dez minutos vagava numa eternidade lunar. Passar-se-iam pelo menos dezoito horas antes que voltasse ao mundo real (HUXLEY, 2017, p. 135).

Tendo em vista esse panorama, fica cada vez mais complicado acertar o diagnóstico, seja ele clínico ou político, assim como fugir das armadilhas que visam conduzir os sujeitos a um autocontrole, uma forma de doping coletivo, seja ele através de técnicas muito semelhantes a *hipnopedia* encontrada no universo

---

<sup>9</sup> La Psiquiatria Industria de la Muerte. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo. Publicado pelo canal InfoAvalancha. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=y\\_xrCaOj9ac](https://www.youtube.com/watch?v=y_xrCaOj9ac). Acesso em: 16 nov. 2019.

<sup>10</sup> TAKE YOUR PILLS, primeira temporada. Criação Alison Klayman. Série original Netflix. [S. l.]: Motto Pictures e Netflix Studios, 2018. 87 min, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 16 nov. 2019.

<sup>11</sup> TAKE YOUR PILLS, primeira temporada. Criação Alison Klayman. Série original Netflix. [S. l.]: Motto Pictures e Netflix Studios, 2018. 87 min, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 16 nov. 2019

distópico de Huxley e(ou) de drogas produzidas em laboratório, também muito semelhantes ao *soma*, outra ferramenta de controle encontrada em Admirável Mundo Novo.

## **Conclusão**

Uma sociedade dopada pela competição generalizada entre empresários de si, como vimos, será uma sociedade que conviverá cada vez mais com o adoecimento psíquico, onde a alternativa do uso de medicamentos, seja para melhoraria de performances ou para anestesiá-los/aliviar o mal-estar da desnarratividade da vida já atua de forma naturalizada. A racionalidade neoliberal, ao impor às relações humanas o cansaço da alma e a alergia à alteridade, torna afrontoso e assombroso todo e qualquer movimento que se incline para a ideia de solidariedade social, vinculando a liberdade e a felicidade desses neosujeitos tão somente a condição de consumidores auto-interessados.

Ao não ousar sequer questionar as estruturas que dinamizam a sociedade neoliberal, as quais prometem a estabilidade e a positividade - semelhantemente ao proposto no cenário de “Admirável mundo novo” -, os neosujeitos enredam-se cada vez mais a condição de escravos de si. Esse não-questionamento não tão transita a atmosfera da consciência, já que a nova racionalidade opera, em linhas gerais, por uma coercitividade muda e, em grande medida, invisibilizada.

Como o neosujeito poderá se inserir como ator de uma efetiva transformação política se está, sociologicamente e psicologicamente, ao mesmo tempo dopado e doente? Eis o desafio da democracia por vir.

## **Referências**

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Editora Politéia, 2019.

CHUL HAN, Byung. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CHUL HAN, Byung. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade. Volume 1 – Vontade de saber*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 2014.

KEHL, Maria Rita. *O Tempo e o Cão: A atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

LA PSIQUIATRÍA Industria de la Muerte. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (10 min 25s). Publicado pelo canal InfoAvalancha. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=y\\_xrCaOj9ac](https://www.youtube.com/watch?v=y_xrCaOj9ac). Acesso em: 16 nov. 2019.).

PENLEY, Benjamin. *Characteristics of Online Pharmacies Selling Adderall (Amphetamine/Dextroamphetamine)*. Disponível em: [https://www.japha.org/article/S1544-3191\(20\)30347-2/pdf#articleInformation](https://www.japha.org/article/S1544-3191(20)30347-2/pdf#articleInformation), acesso em agosto de 2020.

SAFATLE, Vladimir. *O círculo dos Afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TAKE YOUR PILLS, primeira temporada. Criação Alison Klayman. Série original Netflix. [S. l.]: Motto Pictures e Netflix Studios, 2018. 87 min, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 16 nov. 2019.

WOLFART, Graziela. *O filtro da medicalização para a produção da subjetividade*. IHU, São Leopoldo, 27 maio 2013. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5012-ricardo-teixeira>. Acesso em: 16 nov. 2016.

*Recebido em: 13/08/2020.  
Aprovado em: 15/08/2020.  
Publicado em: 15/08/2020.*